

Apresentação

Este número da Revista *Iluminuras* é dedicado aos estudos sobre ambientes e ambiências. A proposta contempla estudos sobre conflitos ambientais, territorialidade, Natureza e Cultura, e propõe uma abertura para o tema, reunindo também estudos no meio urbano, sobre ambiências, espaços de sociabilidade e a dinâmica da paisagem e dos territórios urbanos nos estudos sobre sociedade e meio ambiente no mundo contemporâneo.

A seleção de textos apresentados comprova que a proposta foi bem sucedida, na medida em que a perspectiva ambiental pode ser vista de forma plural. São diferentes abordagens que acabam por se aproximarem de formas bem particulares, seja na escolha das temáticas estudadas, seja na metodologia de estudo escolhida. Nos textos surgem rios, planícies, morros, matas, assim como bairros, pueblos, ruas, travessas, ilhas que são descobertos muito mais do que no espaço, nos tempos sobrepostos de paisagens que a experiência humana diversa constitui e refaz a todo instante, inscrevendo identidades a partir da consolidação de práticas sociais, que se dão na interseção de diferentes esferas sociais.

Ana Silva, em “Imágenes e imaginarios urbanos en la ‘Ciudad de las Sierras’”, aprofunda os significados do imaginário do natural na memória urbana de cidades médias na Argentina, com destaque para o caso da reconstituição de um elemento da paisagem símbolo da cidade de Tandil, a *Piedra Movidiza* que movimentava sentimentos conflitantes de pertencimento dos moradores, entre a identificação com a natureza da região serrana e a memória da indústria da mineração. Investigando o lugar da imagem fotográfica no processo de reconstituição de uma paisagem urbana, a autora reflete sobre a inclusão de diferentes entendimentos do natural na identidade urbana de Tandil e em outras cidades médias da Argentina.

A dinâmica do imaginário na paisagem é também investigada por Flávio Leonel Abreu, em “As paisagens missioneiras gaúchas nos relatos de viagem, ou por uma etnografia do olhar-viajante nas Missões”, nos transportando para a companhia dos viajantes do Oitocentos na Região Missioneira do Rio Grande do Sul. Vemos as paisagens como se os viajantes as apontassem para nós, seguindo-os em carretas de boi, em pirogas pelo rio Uruguai ou simplesmente, acompanhando o desenho que surgem das formas de sua escrita. Não conhecemos apenas a história da Região Missioneira, mas também nas suas ruínas tudo aquilo que ela pode ser, nas memórias e nos projetos de viajantes que ali enxergaram uma experiência inédita de fundação de uma civilização que aos poucos descobria as reentrâncias da paisagem acidentada do sul do Brasil e a força das práticas do gaúcho missioneiro, do gado xucro moldando as paisagens e a imaginação encantando os capões e as pedras que retornam à Natureza na ruína das missões. Na escuta atenta do olhar-viajante, Flávio Leonel Abreu nos possibilita “repensarmos o lugar do humano nessas mesmas paisagens” para além da monocultura e do latifúndio, descobrindo uma etnobioidiversidade local e um patrimônio da sociedade brasileira nas paisagens do sul do país.

Seguindo o espírito do viajante, Rodrigo Toniol nos conduz por uma caminhada por paisagens elaboradas pela política entre o ambiental e o rural, em “Caminhada ‘na natureza’ e na natureza da caminhada: etnografia de uma ação governamental na área rural de Ivaiporã, Paraná”. Toniol nos revela os diversos arranjos que o natural pode adquirir, dependendo da proposta dos organizadores de uma caminhada como evento de geração de renda em uma região rural, ou daquilo que buscam os mais de mil caminhantes que se aventuram na sobreposição das estruturas espaços-temporais do percurso. Propondo um olhar sobre a caminhada

como retórica, o autor em deslocamento apresenta um relato escrito e por imagens fotográficas, que nos permitem participar da construção de ambiências por onde se inscreve o caminho, na prática do espaço que se torna tempo.

Uma outra caminhada descobre novas ambiências na cidade de Porto Alegre, no texto de Estevan de Negreiros Ketzer, “A Travessia da Margem: notas etnográficas sobre a memória coletiva na Travessa Venezianos”. O autor encontra ilhas de diversidade em um território importante da memória de Porto Alegre, no bairro Cidade Baixa, a Travessa dos Venezianos. O autor lida com habilidade com os percursos metodológicos do lento adentrar na dinâmica da memória e do cotidiano que conformam uma ambiência inusitada no coração da cidade – uma sociabilidade própria de uma pequena rua, relações de vizinhança entre jovens artistas e descendentes de comunidades afro-brasileiras, num olhar muito distante do usual olhar arquitetônico e patrimonial sobre este lugar. Sua etnografia revela uma importância deste espaço no presente da cidade, ao provocar a memória de seus habitantes a perambular pelas camadas de tempo escondidas no calçamento, nas escadarias e travessas das ambiências urbanas.

Numa mesma perspectiva de deslocamento, Lucas Graeff e Francisco de Paula Brizolara de Freitas fazem um levantamento de registros fotográficos e de relatos orais sobre a memória do bairro Harmonia e de sua inscrição na cidade de Canoas / RS. Os autores, em “As paisagens da memória do bairro Harmonia, em Canoas/RS: Um estudo a partir de registros fotográficos e relatos orais” aproximam a pesquisa etnográfica da investigação em história ambiental, percorrendo lugares e paisagens da memória do bairro e da vila, refletindo sobre a contribuição de registros fotográficos obtidos durante a pesquisa para o incentivo do trabalho da memória.

Entre imagem e memória, uma ambiência urbana completamente diversa é revelada pelo texto de Luiz Eduardo Jorge, “Cinema documental e realidade social”. Refletindo sobre a produção de seu documentário “Césio 137: o Brilho da Morte” (2003/2004), o cineasta mostra a transformação da ambiência urbana da cidade de Goiânia em ambiente de risco, ao relatar a trajetória das partículas radioativas que foram atingindo “homens, mulheres, crianças, animais domésticos, casas, ruas, chegando até a atmosfera, colocando em risco toda uma cidade e o meio ambiente local”. O autor reflete como o documentário, em sua dimensão estética enquanto tratamento criativo da realidade, pode revelar a presença do maior acidente radiológico da história na memória da cidade, no corpo de seus habitantes, nas ações e omissões de representantes da política nuclear brasileira.

Também na cidade de Goiânia, e também refletindo sobre a perspectiva do risco, Arthur Pires Amaral, em “Firme igual prego na areia (?): reflexões etnográficas sobre percepções de risco numa comunidade erguida sobre o lixo, em Goiânia-GO” apresenta outras situações em que o ambiente urbano se configura entre a percepção, a aceitação e a construção da noção de risco, em que o risco funciona como um marcador de identidade e diferenciação. Investigando a ressignificação dos riscos elaborados por moradores na condição de ‘viver sobre o lixo’, mas também por instituições que ocupam as posições de geradoras ou árbitras de risco, o autor investiga como as percepções de riscos ambiental e social podem adquirir sentidos diversos para os atores sociais envolvidos, consolidando-se em complexos territórios urbanos.

Em um ensaio sobre o tema do risco e da territorialidade urbana, Ana Paula Marcante Soares, em “‘Habitantes do Arroio’: estudo de conflitos de uso de águas urbanas, risco e vulnerabilidade em Porto Alegre-RS”, destaca o tema do risco e da vulnerabilidade a partir da narrativa de moradores do Bairro Agronomia, em Porto

Alegre. A autora reflete sobre sua trajetória social e a dimensão da vida cotidiana às margens de córregos inseridos na bacia do Arroio Dilúvio, entre a fruição da paisagem e sua percepção sobre as cheias e a poluição das águas.

Encerrando a publicação, apresento o artigo “A baía de todas as águas: conflito e territorialidade nas margens do Lago Guaíba”, refletindo sobre as sobreposições de territorialidades, éticas e representações sobre os ambientes às margens do Lago Guaíba, inseridos na trajetória ambiental da cidade de Porto Alegre. Acompanhando a participação de moradores de áreas de preservação e de risco ambiental em políticas públicas ambientais e eventos voltados para as políticas de gestão de recursos hídricos, reflito sobre as micro, meso e macro esferas de interpretação da questão ambiental em meio a territorialidade urbana.

Rafael Victorino Devos.